

# A dialética do reconhecimento e a afirmação da consciência-de-si em Hegel

## The dialectic of recognition and the affirmation of self-consciousness in Hegel

ANDRÉ LUIZ PEREIRA SPINIELI<sup>1</sup>

**Resumo:** Na obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel busca consolidar um novo sistema filosófico que permita estabelecer quais são as diferentes figuras e formas a partir das quais a consciência evolui, partindo-se do saber mais sensível e se direcionando rumo à consciência-de-si. Ilustrada pela dialética do senhor-escravo, o filósofo alemão nos apresenta a ideia de que a constituição da subjetividade pela autoconsciência não é possível sem que haja o movimento de passagem da dialética dos desejos para a dialética do reconhecimento mútuo das consciências. A partir desse panorama, este trabalho tem por finalidade apresentar o itinerário que Hegel insere em sua filosofia para o alcance da consciência-de-si e como se dá o processo de reconhecimento do Eu e do Outro.

**Palavras-chave:** Dialética do reconhecimento. Consciência-de-si. Hegel. Idealismo alemão.

**Abstract:** In the work *Phenomenology of Spirit*, Hegel seeks to consolidate a new philosophical system that allows establishing which are the different figures and forms from which consciousness evolves, starting from the most sensitive knowledge and moving towards self-consciousness. Illustrated by the dialectic of the slave-master, the German philosopher presents us with the idea that the constitution of subjectivity through self-awareness is not possible without the movement of passage from the dialectic of desires to the dialectic of mutual recognition of consciences. Based on this panorama, this work aims to present the itinerary that Hegel inserts in his philosophy for reaching self-awareness and how the process of recognizing the Self and the Other takes place.

**Keywords:** Dialectic of recognition. Self-conscience. Hegel. German idealism.

### Introdução

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, influenciada pelos princípios do contexto literato-cultural do romantismo alemão, a filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) aparece como um ato de ruptura com as bases teóricas lançadas pelas filosofias iluministas e pelo transcendentalismo kantiano. A inauguração de um novo sistema filósofo tipicamente hegeliano se consolida com a publicação da obra *Fenomenologia do Espírito*, em 1807. O escrito teve por finalidade demonstrar de forma concreta como ocorre o desenvolvimento da consciência (*Bewußstein*), que tem como ponto de partida a consciência sensível e, gradativamente, caminha rumo à consciência de si (*Selbstbewußstein*), como em um movimento necessário da história.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Direito pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor voluntário de Direitos Humanos na UNESP. Bolsista CAPES/DS. E-mail: spinieliandre@gmail.com

Para Hegel, o caminho percorrido pela consciência está diretamente relacionado com a própria história, já que é nela que o espírito (a consciência) se faz presente desde o início. Assim, a história se torna o palco para o desenvolvimento da consciência até o instante em que se torna consciência-de-si. Associada à historicidade e ao método dialético, a consciência como expressão da filosofia do espírito hegeliana faz com que emergja a importância do reconhecimento (*Anerkennung*) como instrumento para a passagem da consciência sensível (do objeto) para a consciência-de-si (VAZ, 1998).

Quais portanto, são os pressupostos que permitem o atingimento do espírito absoluto? O que representa a dialética do reconhecimento na filosofia de Hegel? A fim de solucionar essas questões, o trabalho se divide em três capítulos: a) alocação de Hegel na história da filosofia como um todo e no contexto histórico-cultural do romantismo alemão; b) o caminho traçado pela consciência a partir da *Fenomenologia*; c) a dialética do reconhecimento como afirmação da consciência-de-si.

### **1. Situando Hegel na história da filosofia: romantismo e idealismo alemão**

O pensamento de Hegel está situado na história da filosofia em dois instantes diferentes. O primeiro momento diz respeito aos escritos da juventude hegeliana, que se desenvolveram nos seus anos iniciais de aproximação com o pensamento filosófico e a produção poética alemã, especialmente de Schelling e Hölderlin, além de questões de caráter teológico e moral (BECKENKAMP, 2009), dada sua condição de estudante do seminário protestante de Tübingen<sup>2</sup>. A partir da publicação da *Fenomenologia do Espírito*, em 1807, inaugura-se a fase da maturidade hegeliana. A virada epistemológica que ocorre na filosofia do autor tem como característica sua construção de ideias com base no romantismo alemão e no idealismo filosófico. A formação intelectual do Hegel maduro perpassa necessariamente pela crítica ao pensamento iluminista, pelo estudo da filosofia kantiana e pela adoção dos escritos de Fichte, Schelling, Herder, Jacobi, Goethe e outros expoentes do período, traços típicos do idealismo.

Nesse sentido, a filosofia que se formou ao longo dos séculos XVIII e XIX demonstra que, se de um lado o pensamento kantiano se ergueu como grande estuário das teses formuladas durante o Iluminismo, por outro também representou a fagulha daquilo que viria a se tornar o romantismo alemão (*die Romantik*). O

---

<sup>2</sup> Antes de se vincular às instituições de ensino teológico ou universitário, ainda em Stuttgart, berço de Hegel, o filósofo teve seus primeiros contatos com a crítica kantiana, de onde retira sua inspiração para seus primeiros escritos que contemplam a relação entre moralidade, liberdade e religião (BECKENKAMP, 2009). Além disso, o jovem Hegel de Stuttgart, antes mesmo de adentrar ao seminário em Tübingen, demonstrou interesse em temas relacionados à filosofia e à cultura grega, assim como sua tendência em desenvolver uma filosofia da história.

período teve como base teórico-filosófica o idealismo (VAZ, 1998), que aparece na história da filosofia como corrente que provocou a ruptura da hegemonia do transcendentalismo kantiano e com a ideia de fim da filosofia. A partir do florescimento das especulações metafísicas, éticas, políticas e antropológicas, o idealismo se ergueu sobre um fértil terreno que teve o romantismo como pano de fundo e projeto cultural de oposição ao classicismo e ao racionalismo iluminista<sup>3</sup>.

Ainda que pesem concepções que reputam o romantismo como um sistema desprovido de dogmas, princípios, objetivos ou programa filosófico (HARTMANN, 1960), é possível afirmar que o idealismo alemão teve como principais expoentes uma tríade de pensadores: Fichte, Schelling e Hegel. Os três iniciaram seus estudos no campo teológico e se moveram para a filosofia, na qual se apropriaram da proposta filosófico-cultural que se desenvolvia ancorada no movimento romântico. O idealismo tem por característica a compreensão de que a realidade deve ser tratada como uma manifestação da razão – portanto, das ideias – ao passo que seus expoentes afirmam que é possível atingir a consciência-de-si hegeliana a partir de um processo transcendental.

Ainda que o movimento seja formado por diferentes pensadores, é possível afirmar que o idealismo encontra duas vias exatas de ação. Enquanto a primeira enxerga em Hegel a possibilidade de desenvolvimento do idealismo absoluto e da filosofia do espírito, a segunda possui seu ápice no reconhecimento dos limites da subjetividade em Schelling (PUENTE, 2003). Enquanto Schelling busca conceber um idealismo objetivo, no qual o absoluto (princípio ordenador do real) deve ser visto como uma identidade indiferenciada da realidade, Hegel desenvolve o idealismo absoluto, pelo qual esse princípio supremo se formata como algo espiritual.

A relação do pensamento hegeliano com as mudanças promovidas pelo romantismo no campo cultural foi potencializada a partir do contato que o filósofo teve com Goethe, reitor da Universidade de Jena na mesma época em que Hegel passou a lecionar na cátedra de filosofia. Assim, o romantismo alemão se fundamenta como um "movimento de inconformismo e subversão cultural, responsável pelo desenvolvimento da cultura, expressão da afronta aos padrões artísticos e intelectuais estabelecidos" (COELHO, 2012, p. 10). Como afirmamos, as matrizes filosóficas do romantismo deságuam na crítica e no idealismo pós-kantiano, categorias que foram trabalhadas por Hegel.

De certa forma, o pensamento hegeliano pode ser considerado uma decorrência direta do novo modelo de formação cultural que se propõe a partir da inauguração do movimento romântico na literatura e nas artes em geral, a *Bildung*.

---

<sup>3</sup> De acordo com Benedito Nunes (1975), o romantismo se assenta em duas posições distintas, ainda que ambas constituam reações ao modelo racionalista e analítico desenvolvido no Iluminismo. De um lado, tem-se o romantismo como categoria psicológica ou modo de sensibilidade. De outro, enxerga-se o movimento como uma categoria histórica, que comunga os aspectos literário e artístico.

O termo pode ser traduzido como *formação*, que engloba a cultura e o esclarecimento em seu âmbito. Desse modo, essa nova forma de oposição ao ideal universalista do Iluminismo tem como premissa a ideia de que "quanto mais a condição social de um povo for harmonizada com a determinação do homem, por meio da arte e diligência, mais formação terá esse povo" (MENDELSSOHN, 2011, p. 16).

A influência do novo modelo de formação cultural alemã, que se dá pela catalisação da expressão literária do movimento *Sturm und Drang*<sup>4</sup> e do romantismo na filosofia, pode ser verificada em diversos pontos da obra de Hegel, sobretudo em discussões nas quais os posicionamentos hegelianos são claramente contrários ao que fora sustentado pelos iluministas, como a dicotomia entre fé e razão e a necessidade de uma rígida mudança no campo político, ponto em que Hegel rejeita o liberalismo individualista do Iluminismo e sustenta o Estado enquanto *corpo uno*. A concepção idealista em Hegel é expressa na *Fenomenologia do Espírito*, obra na qual o autor apresenta o itinerário percorrido pela consciência sensível rumo à consciência-de-si e estabelece que a tomada de consciência de si mesmo representa a superação do momento subjetivo.

Na apresentação da tradução brasileira da obra hegeliana citada, Henrique Cláudio de Lima Vaz (2012, p. 11) explica as finalidades de Hegel em seu principal escrito da maturidade:

Na *Fenomenologia*, Hegel quer mostrar que essa abstração, na qual o mundo é o mundo sem a história da mecânica newtoniana e é acolhido pelo sujeito ao qual "aparece" nas formas acabadas das categorias do Entendimento, é apenas momento de um processo ou de uma gênese que começa com a "aparicação" do sujeito a si mesmo no simples "aqui" e "agora" da certeza sensível, aparição que mostra a dissolução da verdade do objeto na certeza com que o sujeito procura fixá-la. A partir daí, o movimento dialética da *Fenomenologia* prossegue como aprofundamento dessa situação histórico-dialética de um sujeito que é fenômeno para si mesmo no próprio ato em que constrói o saber de um objeto que aparece no horizonte das suas experiências. [...] Essa é a originalidade da *Fenomenologia* e é nessa perspectiva que ela pode ser apresentada como processo de "formação" (cultura ou *Bildung*) do sujeito para a ciência.

A inovação de Hegel em relação ao método filosófico de Kant consiste justamente na colocação do fenômeno no próprio saber do sujeito, ao invés de

<sup>4</sup> Traduzido como "tempestade e ímpeto", o *Sturm und Drang* foi um movimento literário e artístico que ganhou espaço na Alemanha do final do século XVIII. A proposta do movimento, que contou com representantes na literatura e na música clássica, era servir de reação ao racionalismo iluminista e à influência francesa exercida na cultura alemã daquele tempo, como necessidade de valorização das artes nacionais, de tradição germanista. Na literatura, seus expoentes centrais foram Johann Goethe e Herder. Na música clássica, o movimento ganhou força com Haydn e Mozart.

inserir na esfera do objeto. Se, para Hegel, a consciência é o que perfaz o movimento dialético "no qual o saber do mundo passa no saber si mesmo como na sua verdade" (VAZ, 2012, p. 14), o pensamento hegeliano está preocupado em demonstrar que a consciência se suprime como simples consciência do objeto e atinge a consciência-de-si, como certeza de si mesmo, instante em que nasce a ideia de reconhecimento em sua filosofia e que nos interessa para os fins deste trabalho.

## **2. O itinerário da consciência no pensamento hegeliano, do sensível ao absoluto**

A partir da publicação da obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel propõe uma análise sobre os caminhos e as categorias pelas quais a consciência se constrói e possibilita ao sujeito conhecer o mundo com determinado nível de segurança. As inúmeras reviravoltas que marcaram a vida do jovem filósofo de Jena desaguaram em uma fase de maturidade, na qual Hegel busca entender quais são os obstáculos à compreensão da realidade e como a consciência se comporta em diferentes instantes, fazendo com que a observância de experiências anteriores carregue o sujeito para outra espécie de pensamento. Em última instância, a proposta hegeliana nessa obra é justamente apresentar o caminho por que passa a consciência até atingir o seu estágio máximo: o espírito absoluto.

A consciência não é estática, de modo que as experiências ao longo da história fazem com que as verdades se tornem ilusórias e novas verdades apareçam. Jean Hyppolite (1974, p. 6), comentador da obra hegeliana, explica a finalidade central dos escritos da maturidade:

Hegel quiere conducirnos desde el saber empírico hasta el saber filosófico, desde la certeza sensible hasta el saber absoluto. En consecuencia, esta Fenomenología que se presenta realmente como una historia del alma es diferente de la deducción de la representación de Fichte o del idealismo transcendental de Schelling<sup>5</sup>.

Enquanto a teoria do conhecimento clássica, dos gregos ou dos iluministas, postula que todo processo de conhecimento exige a relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível por meio de uma separação, Hegel altera esse sentido e considera que essa separação é aparente, pois o saber absoluto representa o instante em que o sujeito compreende a unidade do pensamento e do próprio ser (ROSENFELD, 2005). Para Hegel, o caminho da consciência se inicia no saber mais vulgar, de caráter meramente empírico ou sensível, e se direciona ao chamado saber

---

<sup>5</sup> Tradução livre: Hegel quer nos conduzir desde o conhecimento empírico até o conhecimento filosófico, da certeza sensível até o saber absoluto. Em consequência, esta Fenomenologia que se apresenta realmente como uma história do espírito é diferente da dedução de representação de Fichte ou do idealismo transcendental de Schelling.

absoluto, que compreende o instante em que a consciência se torna em-si e para-si em relação ao sujeito.

Não é possível que o saber absoluto se concretize por um ou outro indivíduo, uma vez que é dependente de um instante histórico específico e de caráter universal. Desse modo, a filosofia de Hegel estrutura a consciência em três diferentes momentos: certeza sensível, percepção e consciência-de-si. Assim, tem-se claro que a intenção de Hegel na *Fenomenologia* é justamente percorrer a formação do sujeito em relação ao conhecimento das coisas em suas essências, já que o saber absoluto é um "conhecer prático, que surge com as próprias experiências, das próprias relações da consciência-de-si com objetos do mundo e as outras consciências" (LEITÃO, 2015, p. 39).

A supressão de um instante da consciência por outro mais próximo do saber absoluto representa o processo de dialética, pelo qual a consciência se coloca em prova a partir da busca por experiências que a levem à essência das coisas. O saber mais primitivo da consciência é denominado *certeza sensível*, uma vez que é formada pelo saber imediato e sensível sobre as coisas. Nesse estágio, o saber é considerado o mais verdadeiro, pois tem a plenitude do objeto diante de si (HEGEL, 2012). Mas, em realidade, essa certeza se torna a verdade mais abstrata e mais pobre, já que a consciência descobre que a verdade se encontra no Eu e no imediatismo. Baseando-se no exemplo fornecido por Hegel na *Fenomenologia*, o aqui é uma árvore porque Eu a vejo. Porém, para um outro Eu, o aqui não é necessariamente uma árvore, mas sim uma casa<sup>6</sup> (HEGEL, 2012).

O movimento da consciência no estágio do saber sensível consiste em compreender que o objeto e o sujeito não são imediatos e singulares, mas mediatos e universais, de modo que a verdade não se encontra no objeto diante de si ou no próprio sujeito. No entanto, o resultado da certeza sensível é a construção de um objeto universal e da percepção, como segundo instante da consciência. Ao contrário da certeza sensível, que não se apossa do verdadeiro, o segundo nível da consciência hegeliana (*percepção*) é capaz disso, já que a universalidade é o seu princípio, de modo que o sujeito (o Eu) e o objeto são universais (HEGEL, 2012). Nesse estágio, o objeto é universal e tem em si diversas propriedades, como o sal no exemplo empregado por Hegel (2012) na *Fenomenologia*.

No segundo estágio, a consciência assume uma posição de passividade frente ao objeto, pois o apreende da forma como é apresentado, na condição de elemento universal e uno. No exemplo do sal, Hegel trabalha a ideia de coisidade ao dizer que,

---

<sup>6</sup> Na íntegra, o exemplo fornecido por Hegel (2012, p. 77) explica o seguinte: "O mesmo sucede com a outra forma do isto, com o aqui. O aqui, por exemplo, é a árvore. Quando me viro, essa verdade desvaneceu, e mudou na oposta: o aqui não é uma árvore, mas antes uma casa. O próprio aqui não desvanece, mas é algo que fica, no desvanecer da casa, da árvore etc.; e indiferente quanto a ser casa ou árvore. Assim o isto se mostra de novo como simplicidade mediatizada, ou como universalidade".

embora o vejamos em um conjunto simples, o sal é constituído por coloração, sabor, forma e peso determinados e específicos (HEGEL, 2012). Então, as propriedades múltiplas estão contidas num *aqui* simples, no qual todas as coisas se interpenetram e não se afetam – o branco não altera o modelo cúbico e essas propriedades não influenciam o sabor salgado. Diante desse quadro, Hegel (2012) afirma que a consciência confirmaria o desenvolvimento do objeto em propriedades diversas e retornaria a si mesma, distinguindo a percepção que teve da coisa (o olhar sobre o sal e sua compreensão como coisa universal e una) da reflexão que faz sobre ela (como elemento plural).

O filósofo alemão ainda percebe que a consciência reflete a coisa como um *enquanto*, ou seja, ao passo em que o Eu analisa a coloração do sal, não percebe seu sabor; enquanto analisa o sabor, não percebe o seu formato. A partir disso, Hegel (2012) conclui que a percepção das coisas se dá em um movimento de para-si e para-outro, de modo que o objeto da consciência não é a coisa em si, mas somente o fenômeno, fazendo com que a consciência seja direcionada para o último estágio do itinerário hegeliano. A consciência percebe que a compreensão dos objetos foi dada por ela mesma e isso faz com que se vislumbre que há algo além de meros objetos, que é ela própria, dando ensejo a um último instante em que se discute o *entendimento*. Portanto, o último movimento da consciência no caminho hegeliano é se tornar *entendimento*.

O processo apresentado por Hegel no estágio do entendimento é deveras complexo. Diferentemente dos dois outros instantes, em que a consciência tem a experiência da coisa enquanto objeto mediato e universal e, na sequência, como para-si e para-outro, a finalidade do entendimento é submeter a consciência a um jogo de forças com a natureza e as leis que a envolve. O último momento da consciência é deflagrado por Hegel (2012) como aquele em que a consciência não apreendeu o conceito como conceito, mas somente como conceito do objeto, de modo que ainda não há como abstrair a verdade do objeto. Na compreensão hegeliana, a consciência percebe a existência de uma dualidade, de um jogo de duas forças que aparecem a ela como fenômeno e aparência do fenômeno.

Portanto, o entendimento aparece como a relação mediatizada que a consciência mantém o objeto. O caminho que a consciência tece nesse sentido permite que, ao final, se realize como apreensão do fenômeno como fenômeno, de tal modo que "não podemos mais pensar a realidade, senão como processo de movimento e unificação" (LEITÃO, 2015, p. 53). Esse movimento permite com que a consciência alcance a infinitude ou o conceito absoluto, que Hegel (2012) coloca como "essência simples da vida, a alma do mundo, o sangue universal" (HEGEL, 2012, p. 115). Em outros termos, pode-se dizer que a autoconsciência em formação percebe a dicotomia entre o sujeito que experimenta e o objeto que é experimentado e passa a buscar uma autoafirmação de sua existência frente ao

objeto, ou seja, uma relação de dominação do sujeito e da consciência frente ao objeto.

De acordo com Hegel (2012), o instante em que a consciência alcança a infinitude, ela deixa de ser *entendimento* e passa a ser considerada *consciência-de-si*, capaz de explicar o seu objeto e estar em diálogo consigo mesma. A partir do momento em que a consciência alcança o saber absoluto, a consciência-de-si, torna-se importante analisar o seu movimento de duplicação, a relação das consciências-de-si e a dialética do reconhecimento na filosofia hegeliana, a partir da metáfora da dialética do senhor e do escravo. Disso, pode-se afirmar que o atingimento do saber absoluto em Hegel representa não apenas a compreensão do objeto, mas também do sujeito e do seu próprio processo de reflexão, em si mesmo (HYPPOLITE, 1974).

### 3. (In)dependência da consciência-de-si e a dialética do reconhecimento

Com o aporte da *Fenomenologia*, escrevemos no capítulo anterior o itinerário que é percorrido pela consciência, que, de acordo com Hegel (2012), se inicia na certeza sensível e se desenvolve até o saber absoluto. Assim, a proposta deste último capítulo é justamente averiguar os desdobramentos do saber absoluto que, como consciência-de-si, abre espaço para a discussão hegeliana sobre a dialética do reconhecimento.

De início, Hegel (2012, p. 119) afirma que a consciência-de-si nasce como um reflexo da consciência, do outro e do retorno em si, de modo que passamos a compreender que "uma certeza [é] igual à sua verdade, já que a certeza é para si mesma seu objeto, e a consciência é para si mesma o verdadeiro". A consciência-de-si em Hegel é uma figura capaz de encontrar a verdade de sua existência, o instante em que o sujeito estabelece uma relação de dominação junto ao objeto e compreende que sua consciência é o que lhe permite conhecê-lo.

"Com a consciência-de-si entramos, pois, na terra pátria da verdade" (HEGEL, 2012, p. 120), instante em que a filosofia hegeliana evidencia a existência do Eu e do Outro, já que essa nova figura do saber conserva o saber de si mesmo e um precedente, o saber do outro. A consciência-de-si é a reflexão realizada sobre o outro, devendo ser considerada um movimento de "sair de si, o encontro com o outro e o retorno a si" (LEITÃO, 2015, p. 55). O movimento que a consciência-de-si faz é justamente o de sair de si por desejo de encontrar outra consciência. Dessa forma, o desejo (*Begierde*) representa a força que retira a consciência-de-si de seu percurso comum e a faz sair de si para encontrar o Outro.

Conforme Paulo Meneses (2003, p. 23):

A consciência-de-si é um retorno a partir do seu outro, o ser da certeza sensível e da percepção – que é trazido para o sujeito pelo desejo. O objeto do desejo é a vida que tem estrutura homóloga a da

consciência, pois é, a seu modo, reflexo sobre si, e também negatividade, enquanto a vida, em sua corrente infinita, dissolve todas as determinações e diferenças. Mas o desejo, em sua busca é um movimento em que um objeto é consumido e logo outro surge na sua independência atíça de novo o desejo. E o movimento só para quando o objeto for outra consciência-de-si, que faça sobre a consciência uma só e a mesma operação que é feita sobre ela; quando o desejo deseja outro desejo surge o reconhecimento.

Há uma dualidade entre consciência e consciência-de-si na filosofia hegeliana: enquanto a primeira está direcionada para o mundo sensível, a outra possui a si mesma como objeto. Isso significa que ser consciente de sua própria existência é se reconhecer como sujeito e objeto simultaneamente, ou seja, como sujeito consciente e que conhece e objeto cognoscível, que é conhecido. Daí Hegel (2012, p. 199) dizer que "o Eu é o conteúdo da relação e a relação mesma", que se relaciona com o Outro a partir de então, já que apenas assim o movimento da consciência encontra fim. A dialética do desejo representa o ato de negação, que insere a consciência-de-si na condição de objeto de si mesma, por negar as primeiras impressões e se colocar como desejo do Outro.

Como afirma Gardênia Leitão (2015), a negação do objeto da própria consciência faz com que haja a necessidade de negar o novo objeto, de modo que não é o objeto em si a busca da consciência, mas o próprio desejo. A negação possui como objetivo possibilitar o retorno da consciência a si própria, que acontece quando a consciência encontra não um objeto a ser conhecido, mas outro Eu – outra consciência-de-si. Portanto, o retorno a si própria faz com que uma consciência-de-si desejante busque não o seu Eu, mas o Outro, em que o espírito se manifesta como em-Nós e para-Nós.

Conforme Hegel (2012, p. 125):

É uma consciência-de-si para uma consciência-de-si. E somente assim ela é, de fato: pois só assim vem-a-ser para ela a unidade de mesma em seu ser-outro. O Eu, que é objeto de seu conceito, não é de fato objeto. Porém, o objeto do desejo é só independente por ser a substância universal indestrutível, a fluida essência igual-a-si-mesma. Quando a consciência-de-si é o objeto, é tanto Eu quanto objeto. Para nós, portanto, já está presente o conceito de espírito. Para a consciência, o que vem-a-ser mais adiante, é a experiência do que é esse espírito: essa substância absoluta que na perfeita liberdade e independência de sua oposição – a saber, das diversas consciências-de-si para si essentes – é a unidades das mesmas: Eu, que é Nós, Nós que é Eu.

A dialética do desejo, como parte da dialética do reconhecimento das consciências-de-si, representa uma manifestação prática da consciência, como angústia em realizar seus desejos. É válido recordar que a concepção de desejo na

filosofia de Hegel deve ser compreendida como uma categoria aproximada da noção de *apetite*, como algo que perturba o homem e faz com que se busque a satisfação plena de suas vontades. De acordo com Gardênia Leitão (2015), o conflito entre as consciências-de-si desejantes faz com que nasça a luta por sua independência, que, ao final, nada mais é senão a própria vontade de liberdade. A luta pelo reconhecimento (*Anerkennung*) de uma consciência-de-si por outra faz surgir um instante de luta por (in)dependência entre as consciências desejantes<sup>7</sup>.

Dessa maneira, o que denominamos neste trabalho de *dialética do reconhecimento* na filosofia hegeliana consiste exatamente no processo pelo qual a consciência se coloca para fora de si, como um Outro, a fim de localizar não mais um objeto a ser conhecido, mas sim outra consciência que conhece a si. Em última instância, trata-se de um processo dialético a que Hegel nomeia de reconhecimento mútuo entre as consciências-de-si<sup>8</sup>. O reconhecimento na filosofia hegeliana consiste exatamente numa relação dialética de reciprocidade, pela qual o Eu apenas possui plena consciência-de-si quando é reconhecido por outra consciência-de-si e vice-versa, ou seja, "una y otra sólo pueden encontrar su verdad haciéndose reconocer recíprocamente como son para sí, manifestándose fuera como son dentro"<sup>9</sup> (HYPPOLITE, 1974, p. 103).

A sistemática dialética do reconhecimento na filosofia hegeliana ocorre quando, depois de ambas as consciências-de-si desejantes se reconhecerem, haverá novos conflitos com outras consciências-de-si, em um processo de dominação e liberdade. A relação de reconhecimento mútuo das consciências-de-si desejantes e opostas foi profundamente trabalhada por Hegel no Capítulo IV da *Fenomenologia do Espírito*, na qual ele aborda a parábola ou metáfora da dialética senhor-escravo, pela qual as figuras opostas da consciência travam um conflito – "uma, a consciência independente para a qual o ser-para-si é a essência; outra, a consciência

<sup>7</sup> Nesse sentido, "o enfrentamento exige arriscar-se, é um reconhecimento que obriga à consciência a colocar a si mesma em situação de perigo, de possibilidade iminente da morte. [...] Por esta razão só o enfrentamento pode exercer o efetivo reconhecimento, pois ameaça o existir da própria vida" (LEITÃO, 2015, p. 59).

<sup>8</sup> O filósofo alemão estabelece uma reflexão sobre o caminho que se percorre nesse conflito de consciências ao dizer: "Chamemos conceito o movimento do saber, e objeto, o saber como unidade tranquila ou como Eu; então vemos que o objeto corresponde ao conceito, não só para nós, mas para o próprio saber. Ou, de outra maneira: chamemos conceito o que o objeto é em-si, e objeto o que é como objeto ou para um Outro; então fica patente que o ser-em-si e o ser-para-um-Outro são o mesmo. Com efeito, o Em-si é a consciência, mas ela é igualmente aquilo para o qual é um Outro (o Em-si): é para a consciência que o Em-si do objeto e a relação mesma; defronta um Outro e ao mesmo tempo o ultrapassa; e este Outro, para ele, é apenas ele próprio. seu ser-para-um-Outro são o mesmo. O Eu é o conteúdo da relação, o relacionar-se e o relacionar-se a si-mesmo; defronta um Outro e ao mesmo tempo o ultrapassa; e este Outro, para ele, é apenas ele próprio" (HEGEL, 2012, p. 119).

<sup>9</sup> Tradução livre: [...] uma e outra apenas podem encontrar sua verdade fazendo-se reconhecer reciprocamente como são para si, manifestando-se externamente como são em seus interiores.

dependente, para a qual a essência é a vida ou o ser para um Outro. Uma é o senhor, outra é o escravo" (HEGEL, 2012, p. 130).

A dialética do reconhecimento exige que uma consciência-de-si seja identificada por uma relação de necessidade da outra consciência, como numa luta de vida ou morte, na qual cada uma das consciências quer provar à outra que é a autêntica consciência-de-si, que é livre e não necessita de qualquer relação com outro ser. De certo modo, o "reconhecimento é, na verdade, um enfrentamento, uma busca da morte da outra para que o seu desejo seja satisfeito" (LEITÃO, 2015, p. 65). A luta pelo reconhecimento travada pelas consciências-de-si é necessária, pois ambas buscam se elevar à verdade no Outro e nelas mesmas, para terem certeza de ser-para-si (HEGEL, 2012), já que a liberdade apenas é conquistada por meio da colocação da vida em risco.

Para Hegel, deve-se ter claro que o reconhecimento não é alcançado pela morte de uma das consciências-de-si, já que isso significaria a anulação do Outro e a impossibilidade da liberdade. Contrariamente, o reconhecimento depende do processo de conservação e dominação da outra consciência-de-si. Assim, o reconhecimento define os lados das consciências: a consciência que valoriza mais a liberdade em detrimento da vida se torna senhor, enquanto a outra, que valoriza mais a vida em face da liberdade, se torna escravo. Nessa relação de dominação, o senhor figura para-si e o escravo funciona como mediador dos desejos do senhor.

A consciência escrava é aquele que opta por ser dominada por outra e excluir sua liberdade por medo da morte, enquanto o senhor é aquele que enfrentou a morte e não teve medo de perder sua vida. Na dialética senhor-escravo, apenas a consciência do senhor é reconhecida pelo escravo, já que a consciência dominada exerce um papel de servidão, em que nega a própria liberdade por medo da morte e a fim de reconhecer o Outro. A partir disso, Hegel (2012) sinaliza que houve um reconhecimento desigual e unilateral, uma vez que "para o reconhecimento propriamente dito, falta o momento em que o senhor opera sobre o outro o que o outro opera sobre si mesmo; e o escravo faz sobre si o que também faz sobre o Outro" (HEGEL, 2012, p. 131).

Na verdade, parece haver uma posição cíclica na metáfora da dialética senhor-escravo, pois a consciência-de-si reconhecida não é totalmente livre, pois depende da existência, da obediência, do trabalho e do reconhecimento da consciência do escravo. Nesse estado, Hegel afirma que é possível a ocorrência de uma inversão de valores, que depende do trabalho executado pelo escravo, fazendo com que passe de uma consciência dependente para uma consciência independente e insira o senhor em uma posição contrária, possibilitando o reconhecimento mútuo. O trabalho é o meio pelo qual o escravo toma consciência-de-si e possibilita se rebelar contra o senhor, alcançando sua liberdade a partir de sua capacidade transformativa.

É o que Hegel (2012, p. 132) afirma:

O trabalho, ao contrário, é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador. Esse meio-termo negativo ou agir formativo é, ao mesmo tempo, a singularidade, ou o puro ser-para-si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer; a consciência trabalhadora, portanto, chega assim à intuição do ser independente, como [intuição] de si mesma.

O trabalho é formativo e possibilita ao escravo o surgimento de uma nova figura da consciência, consistente no pensamento sobre a consciência. No trecho da *Fenomenologia* em que se discute a liberdade da consciência-de-si, Hegel indica que o pensamento faz com que o escravo tenha consciência da inalienabilidade de sua liberdade. Na figura do pensamento sobre a consciência, o Eu é livre por não estar vinculado à Outra consciência, mas fica em si mesmo, assim como o objeto. Por fim, Hegel indica a existência de ideologias que exemplificam a liberdade da consciência-de-si escrava, que são o estoicismo, o ceticismo e a consciência infeliz.

### Considerações finais

A proposta deste trabalho consistiu em analisar a denominada dialética do reconhecimento e a expressão da consciência-de-si na filosofia de Hegel, a partir de um recorte feito sobre a obra *Fenomenologia do Espírito*. Sequencialmente, analisou-se a inserção de Hegel na história da filosofia, buscando a relação que o autor teve com o período do romantismo alemão e com o idealismo, corrente filosófica de que fez parte, na qual desenvolveu o sistema do *idealismo absoluto*. Após, voltou-se à análise dos diferentes estágios que a consciência passa até a chamada consciência-de-si, momento em que o sujeito é capaz de explicar o objeto a ser conhecido e si mesmo. Ainda, abordagem recaiu sobre a ideia de dialética do reconhecimento e sua ilustração a partir da metáfora da dialética senhor-escravo.

Para Hegel, a consciência-de-si e o saber absoluto são estágios que têm por finalidade trazer o conhecimento para o campo da racionalidade, afastando-se do conhecimento sensível e da percepção, e trabalhar a verdade do objeto a ser conhecido. Trata-se de uma manifestação necessária da própria história da filosofia, que se constrói em sua totalidade a partir de um percurso dialético que é traçado pelo espírito – pela consciência. A dialética do reconhecimento é tomada como uma das fases do processo da consciência-de-si, que, ao se externar do sujeito, deixa de buscar o conhecimento sobre o objeto na realidade e passa à necessidade de outra consciência-de-si desejante.

Enquanto a consciência é um aspecto teórico da filosofia hegeliana, que analisa os objetos, a consciência-de-si é retratada como uma figura viva, histórica e que deseja incessantemente reconhecer e ser reconhecido por outras consciências-de-si. Porém, como Hegel indica, o encontro das consciências desejantes é marcado por uma luta pela liberdade, em que se dá início um processo dialético no qual somente a consciência que coloca todos seus atributos, sobretudo a vida, em detrimento da liberdade é que atinge o estado de consciência do senhor. Por outro lado, a outra consciência se torna serva da primeira.

Esse processo dialético e a luta por reconhecimento travada entre senhor e escravo, que é desigual no início, apenas ganha paridade no instante em que o escravo reconquista a consciência sobre a necessidade de sua liberdade a partir do trabalho. O trabalho, para Hegel, é um elemento formativo e necessário ao reconhecimento da consciência-de-si que se submeteu a outra, tornando-se mera consciência, ou seja, capaz unicamente de analisar objetos (e os desejos do senhor), nunca a si mesmo e a necessidade de liberdade. Ainda que a metáfora trabalhada por Hegel indique aplicabilidade somente no plano metafísico, trata-se de um mecanismo atemporal, que pode ser identificado em diferentes momentos da história humana.

Portanto, conclui-se que a dialética do reconhecimento aparece na filosofia hegeliana como uma afirmação de um processo de dependência e independência das consciências-de-si desejantes, em uma relação protagonizada por consciências de senhores e outras que são consciências escravas, que faz com que reconheçamos o Outro como sujeito. Em última instância, o reconhecimento figura como uma necessidade humana<sup>10</sup>, uma vez que a consciência individual é incapaz de alcançar imediatamente o saber absoluto e tampouco de reconhecer o Outro como sujeito sem que haja a relação dialética.

86

## Referências

- BECKENKAMP, J. *O jovem Hegel: formação de um sistema pós-kantiano*. São Paulo: Loyola, 2009.
- COELHO, N. M. M. S. *Fundamentos filosóficos da interpretação do direito: o romantismo*. São Paulo: Rideel, 2012.
- HARTMANN, N. *A filosofia do idealismo alemão*. 2. ed. Trad. José Gonçalves Belo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

---

<sup>10</sup> Inspirado na teoria do reconhecimento hegeliana, Axel Honneth (2003) indica que essa dimensão do pensamento de Hegel também atinge as questões jurídicas e de direitos humanos, tratando-se de reconhecer o outro como sujeito de direitos.

- HYPOLITE, J. *Génesis y estructura de la Fenomenología del Espíritu de Hegel*. Barcelona: Península, 1974.
- LEITÃO, G. G. V. S. *Dialética do reconhecimento: a questão central da subjetividade em Hegel*. 84 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- MELDELSSOHN, M. Sobre a pergunta: o que quer dizer esclarecer: *In: KANT, Immanuel et al. O que é esclarecimento?* Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- MENESES, P. *Hegel e a Fenomenologia do Espírito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- NUNES, B. A visão romântica. *In: GUINSBURG, Jacob (Org.). O romantismo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- PUENTE, F. R. “Novas perspectivas sobre o idealismo alemão”. *Síntese - Revista de Filosofia*, v. 30, n. 96, p. 125-130, 2003.
- ROSENFELD, D. *Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- VAZ, H. C. L. “A significação da *Fenomenologia do Espírito*”. *In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Fenomenologia do espírito*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia filosófica*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

Submissão: 22. 06. 2020 / Aceite: 15. 11. 2020